

BEM- COMPORTADAS

OS SETE PECADOS CAPITAIS
E O PREÇO QUE AS
MULHERES PAGAM PARA
PROVAR SEU VALOR

ELISE LOEHNEN

*Para Peter, que acreditou em mim
muito antes de eu mesma acreditar
e cuja morte me fez ter fé em algo
bem maior que a minha vida.*

NOTA DA AUTORA

ESTE É UM LIVRO SOBRE DOCTRINAÇÃO CULTURAL. Eu mesma, é claro, sou produto da cultura em que fui criada. Sou branca, heterossexual, casada e mãe. Meus pais, heterossexuais, ainda estão casados. Nasci nos Estados Unidos, numa família de classe média alta, e continuo pertencendo à mesma classe. Eu me identifico como mulher e a maioria das pessoas também me identifica assim. Tenho a sorte de ser vista como me vejo e de ser fácil encontrar palavras para descrever minha experiência no mundo. Mas nem sempre é desse jeito. Nossa linguagem pode ser muito limitada para definir quem somos.

Neste livro uso várias vezes as palavras *mulher* e *nós*. Mas é importante deixar claro: essas palavras são atalhos linguísticos para *uma ideia do que significa ser mulher* – uma ideia que pode ser reducionista. O uso que faço desses termos também é influenciado pelo meu ponto de vista como mulher nascida num corpo feminino. Nestas páginas tento examinar o impacto da cultura no maior número possível de mulheres, mas não é minha intenção falar por *todas* elas – e não conseguiria nem se quisesse. Mesmo assim, acredito que nossa cultura confina todas as pessoas que se identificam como mulher em categorias universais. Minha esperança é que este livro lance luz sobre esse confinamento.

Nos meus relatos pessoais, tentei lembrar o melhor que pude os eventos da minha vida e pedi a amigos e familiares que confirmassem minhas lembranças. Além disso, para garantir o anonimato de algumas pessoas, alterei certos detalhes nas histórias que conto.

1

UMA BREVE HISTÓRIA DO PATRIARCADO*

PARA ENTENDER COMO OS SETE PECADOS CAPITAIS influenciam nossa vida até hoje (mesmo que não sejamos pessoas religiosas), precisamos compreender o sistema que os produziu: o patriarcado, que vem definindo a cultura ocidental ao longo de milênios. Seus fundadores adotaram e moldaram o cristianismo primitivo para impor comportamentos que continuam a nos afetar. Tive que me esforçar para entender como alguém como eu, mesmo com tantos privilégios – branca, cis, heterossexual, de classe média alta, agnóstica/espiritualizada –, ainda se sente prisioneira de ideais judaico-cristãos de “bondade”. Por que me sinto impelida a evitar esses “pecados”? Com o intuito de responder a essa pergunta, preciso examinar a história de quem somos, uma história que temos nos contado ao longo do tempo. Um aviso: este capítulo é o mais denso e acadêmico de todos – pule-o, se preferir. Contudo, para imaginar um futuro diferente, é importante entender de onde viemos.

* Vou tratar do assunto de modo (ridiculamente) rápido, mas há notas e sugestões de leituras adicionais no final do livro para leitoras e leitores que quiserem se aprofundar. Um lembrete: não há registros escritos da maior parte da nossa história, embora, à medida que vão surgindo mais e mais evidências dos períodos Paleolítico e Neolítico, possamos reconhecer como nossos ancestrais eram diversos, socialmente criativos e fascinantes. Eles certamente não eram imutáveis. No entanto, de acordo com o antropólogo David Graeber e o arqueólogo David Wengrow, autores de *O despertar de tudo*, a teoria social demanda simplificação, a qual tento adotar aqui: “Em essência, reduzimos tudo a um esboço de modo que consigamos detectar padrões que de outra forma seguiriam invisíveis. [...] É preciso simplificar o mundo para descobrir algo novo sobre ele.”¹

NO PRINCÍPIO ERA A PARCERIA

Ainda que tenhamos a tendência de pensar no patriarcado como uma realidade inevitável, essa é uma concepção equivocada. Durante a maior parte da existência humana – de 2,5 milhões de anos atrás até cerca de 10000 a.C. – fomos nômades, vagando pelo planeta em pequenos grupos colaborativos, sujeitos àquela que muitos bandos distintos consideravam a “Grande Mãe”, a força criadora por trás de todas as formas de vida. Nessas sociedades, as mulheres eram reverenciadas por seus poderes generativos – afinal de contas, o nascimento é um milagre.²

Isso não significa que as tribos primitivas eram matriarcais³ – afirmar isso seria insistir numa hierarquia arbitrária na qual as mulheres fossem vistas como superiores aos homens.⁴ As sociedades paleolíticas eram essencialmente baseadas na afiliação, não numa opressão declarada e contínua.⁵ Nos *milhões de anos* iniciais de nossa existência, não havia propriedade privada da maneira como a definimos hoje – não havia recursos a acumular, nenhuma riqueza geracional a estocar debaixo do colchão, nenhuma terra ou título a repassar aos filhos biológicos. Nossos ancestrais se concentravam no coletivo – “nós” em vez de “eu” – e todos dependiam do grupo e da natureza para sobreviver.

Ao longo de toda a Idade da Pedra, nossos ancestrais plantaram pequenas hortas e saíram em busca de frutas, vegetais e pequenos animais como caramujos e sapos, sendo as grandes caças apenas prêmios ocasionais; os antropólogos afirmam que éramos coletores-caçadores, não o contrário. Cerca de 80% do suprimento de comida era gerado e processado pelas mulheres.⁶ E, embora a caça tenha sido significativamente superestimada como o *único* modo de vida, nos lugares onde ela de fato ocorria havia participação de algumas mulheres. Em assentamentos como o Çatalhöyük (7500-6400 a.C.), na Anatólia, homens e mulheres tinham o mesmo tamanho, consumiam calorias equivalentes e passavam a mesma quantidade de tempo dentro de casa.⁷ Não devo ter sido a única a ficar perplexa ao ler no *The New York Times* que uma análise recente de sepulturas de 9 mil anos atrás, nos Andes, revelou que 10 dos 26 corpos enterrados com instrumentos de caça eram de mulheres,⁸ ou ao descobrir que uma reavaliação recente de desenhos em cavernas pré-históricas, há muito interpretados como cenas de caça pin-

tadas por homens, concluiu que as marcas de mãos eram em sua maioria feitas por mulheres.⁹

Há muitas teorias para explicar o que mudou há cerca de 10 ou 12 mil anos, quando começamos a praticar a agricultura em larga escala, e entre 8000 e 3000 a.C., quando as lavouras se tornaram a norma. A maioria dos historiadores parece concordar que a escassez de recursos *ou* de oportunidades – em torno de 5000 a.C., mudanças nas temperaturas revelaram terras super-férteis em torno dos rios por toda a Eurásia¹⁰ – empurrou os humanos para a migração, gerando conflitos entre grupos distintos. Levas de protoeuropeus invadiram a já existente cultura de plantações da “Velha Europa” – na maioria esmagadora, homens indo-europeus¹¹ vindos do norte,* além de tribos acádias e semitas do deserto Sírio-Árabe, ao sul.¹³ Essas tribos beligerantes estupraram, pilharam e subordinaram os povos conquistados, criando culturas hierárquicas que enalteciam alguns e oprimiam outros.¹⁴ Enquanto sociedades do Paleolítico e do Neolítico tinham reconhecido que dependiam da natureza, os membros de uma sociedade agrária encaravam a natureza como algo a ser dominado, controlado e comandado.¹⁵ Quando nos tornamos agrários – o que aconteceu gradualmente, ao longo de um período prolongado, variável ao redor do mundo – tudo mudou, em particular para as mulheres, as crianças, os animais domésticos e qualquer pessoa ou animal que pudesse ser marginalizado, cooptado e escravizado para o benefício de outros.

Se o conflito gerou o caos, o resultado demandou uma reorganização da sociedade em estruturas por meio das quais a ordem pudesse ser imposta. Entre 3000 e 1300 a.C., vemos o advento desses sistemas; uma variedade mais ampla de regras e leis se mostrou essencial à medida que a sociedade

* Essa teoria arrebatadora é o principal legado da arqueóloga, antropóloga e professora da Universidade da Califórnia em Los Angeles, Marija Gimbutas. Ainda assim, após sua morte nos anos 1990, colegas da academia destruíram sua reputação, em parte pelo fato de seu trabalho ter sido cooptado pelas feministas new-age que argumentavam que todas as culturas do Neolítico eram matriarcais (não eram, e Gimbutas nunca fez essa afirmação). Isso não impediu que o nome de Gimbutas se tornasse uma espécie de criptonita e que seu trabalho fosse descartado (mesmo depois de ficar claro que seus críticos não o tinham lido) – até recentes evidências baseadas em análises de DNA vingarem suas afirmações. Ao que tudo indica, ela estava certa: aqueles indo-europeus do norte, chamados de kurgans devido ao estilo de sepultamento que adotavam (*kurgan* significa “túmulo” ou “sepultura”, em turco), varreram a população local no terceiro milênio a.C.¹²

foi se tornando mais complexa. Ainda assim, o poder quase sempre perverte, em especial quando a escassez e a segurança entram em jogo.

AS MULHERES COMO AS PRIMEIRAS PROPRIEDADES

Mulheres e crianças conquistadas em conflitos e transformadas em escravas, servas e concubinas foram as primeiras propriedades do patriarcado: os homens exerceram domínio sobre elas e descobriram suas possibilidades. Isso se tornou a base da escravidão, o motor econômico de muitas culturas.¹⁶ Com o passar do tempo, a opressão das mulheres passou a parecer natural, normal, algo que sempre tinha sido assim. A “alterização”, que cria distinções de poder socialmente aceitáveis, tem sido largamente adotada desde então – contra judeus, muçulmanos, pessoas negras. As mulheres foram apenas as primeiras.¹⁷

Um dos mecanismos do patriarcado foi a adesão forçada a uma estrutura vertical de família. Como os laços fortes, primitivos até, entre as mulheres persistiram ao longo do tempo nas culturas de convívio comunal, a ofensiva rumo a estruturas verticais de família pretendia fazer com que as mulheres abandonassem a interdependência entre elas e passassem a depender dos homens. Até mulheres casadas eram praticamente escravizadas. Ainda que encaremos o casamento hoje em dia como uma parceria mutuamente escolhida (e com ideal romântico), essa é uma interpretação *muito* moderna. Nas primeiras versões do casamento, as mulheres conectavam as famílias, contribuía para a concentração de bens e status e geravam filhos; para todos os efeitos, as mulheres eram propriedade do marido, compradas mediante casamento ou vendidas como parte de um acordo.*

Antes de o monoteísmo se tornar o padrão (ele surgiu em 1300 a.C., no Egito, e só muitos séculos depois no mundo greco-romano), as mulheres *de fato* mantinham papéis ativos nos templos como sacerdotisas, profetisas e

* O primeiro registro de casamento data de 2350 a.C., na Mesopotâmia, no início do patriarcado – e cerca de 8 mil anos depois do período Paleolítico. Desde então, ele começou a evoluir e a se estabelecer em outras culturas. É bem possível que alguma prática semelhante ao casamento seja muito mais antiga; apenas não há qualquer registro escrito que a comprove.

curandeiras – a deusa, e seu poder de gerar vida, continuava a ser venerada em meio a outras divindades, talvez como a primordial.¹⁸ No entanto, na sociedade civil, no dia a dia, pouca reverência era dedicada às mulheres mortais. Até as mulheres mais próximas ao poder viviam numa posição de permanente insignificância: de uma hora para outra, uma esposa podia, sem justificativa ou razão, ser rebaixada a concubina ou escrava.¹⁹ Essa ameaça constante forçava a dependência e o bom comportamento e acabou sendo codificada em lei.

Por volta de 3000 a.C., quando as tribos semíticas emergiram de um deserto inóspito – onde seus membros haviam sido pastores em vez de agricultores, sem muita noção do que seria um planeta criativo e generoso –, colocou-se um fim às tradições da deusa que persistiram por tanto tempo. Invasores anteriores tinham cooptado as mitologias locais e integrado diferentes sistemas de crenças: é por isso que vemos as mesmas deidades com diferentes nomes em regiões distintas e que divindades masculinas se casam com divindades femininas ou assumem funções de protetores. Como a cultura local não era completamente erradicada, essas deidades sobreviviam e ressurgiam.²⁰ Contudo, de acordo com Joseph Campbell, havia muito tempo essas primeiras culturas patriarcais consideravam a natureza dura e cruel, algo a ser combatido e subjugado.²¹ Essas culturas também eram misóginas e violentas, com um sistema perverso de dois pesos e duas medidas. Hamurabi (1792-1750 a.C.) – mais conhecido pelo lema “olho por olho” – desenvolveu o primeiro código legal que sobreviveu para ser estudado: das 282 regras que Hamurabi instituiu, 73 giram em torno do casamento e do sexo e estabelecem limites quase exclusivamente para as mulheres. Enquanto um homem podia pagar uma multa por cometer adultério, uma adúltera seria condenada à morte por afogamento. Ou, se um homem assassinasse uma grávida, a *filha* dele deveria morrer como forma de compensação.²²

E então, é claro, há a Bíblia hebraica, também conhecida como Velho Testamento (escrita aos poucos, entre 1200 e 165 a.C.), cheia de leis nada generosas com as mulheres. Uma das características marcantes do judaísmo são seus livros sagrados: foi a primeira religião na qual leis e rituais foram registrados na forma escrita,²³ muitos dos quais compilados a partir de mitos e sistemas de crenças já existentes.²⁴ A distinção mais notável do judaísmo, no entanto, era a de que a lei tinha a sanção divina. Não se tratava

das preferências de Hamurabi, mas do *patriarcado instruído por Deus*. Os patriarcas oficiais do judaísmo²⁵ eram Abraão, seu filho Isaque e o filho de Isaque, Jacó, seguidos pela família de Moisés, que recebeu instruções no monte Sinai e divulgou os Dez Mandamentos.²⁶ Deus fez acordos quase exclusivamente com os homens – e confirmou o status das mulheres como propriedade.* Ismael, outro filho de Abraão, tornou-se o pai do Islã.

Os homens eram privilegiados de todas as maneiras. Com o advento do monoteísmo, vemos também a criação da divindade masculina todo-poderosa: pela primeira vez não havia deusas, fosse como divindade principal ou como consorte. O Gênesis, a história da criação na Bíblia, é a repetição de um mito sumério datado de 2500 a.C. que inclui a deusa (isto é, a Mãe Divina), uma árvore e uma serpente. No original, a serpente, com sua troca de pele, representa a morte gerando nova vida, não o mal; e não há nenhuma expulsão do paraíso.²⁸ Contudo, na versão do Velho Testamento que muitos de nós consideramos sagrada (estudiosos acreditam que o Gênesis foi escrito entre 950 e 500 a.C.), o Deus Pai substitui a deusa como único criador, e a mulher se torna símbolo do pecado e causa da queda do homem.²⁹ Enquanto isso, a serpente, símbolo da deusa da fertilidade, assim como de Ísis** – que tinha culto próprio e templos a ela dedicados em todo o Egito e no mundo greco-romano (360 a.C. a 536 d.C.) –, é a instigadora da transgressão da mulher.³¹ Nessa antiga história da criação, comum a todas as culturas judaico-cristãs (que hoje representam cerca de um terço da população mundial),³² as mulheres não apenas são desprovidas de poder como também são espiritualmente depravadas.

* Vide, por exemplo, Êxodo 20:17: “Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence.”²⁷

** Acreditava-se que Ísis, importante divindade egípcia, era irmã e esposa de Osíris. Ela era venerada em todo o mundo greco-romano em templos e ritos de mistérios. Alguns historiadores alegam que ela foi a precursora de Nossa Senhora. O escritor Lúcio Apuleio (nascido no ano 125) explica que “Rainha Ísis” é o verdadeiro nome da deusa, que recebeu muitos outros nomes: Minerva, Vênus, Diana, Ceres, Hécate e outros. Havia muitos rituais em templos dedicados a Ísis, liderados por mulheres, onde elas iniciavam os homens nos mistérios do sexo.³⁰

O NOVO (E NÃO MUITO SAGRADO) TESTAMENTO

Quando surgiu, o cristianismo ainda não era o braço armado e religioso do patriarcado: na verdade, é fácil encontrar evidências textuais do feminismo de Jesus. Ainda assim, os fundadores da antiga Igreja convenientemente ignoraram esse fato e vieram a criar um cânone que assegurava à mulher o status de segunda classe. Em seus primeiros anos, o cristianismo foi um culto pequeno, incipiente e muito perseguido. Não tinha nenhum centro formal ou documentos oficiais, apenas “evangelhos” – relatos individuais dos ensinamentos e experiências de Jesus – registrados muito depois da crucificação. Pregados e transformados em objeto de proselitismo, os evangelhos eram transmitidos no boca a boca e então transcritos e copiados por escribas ao longo de gerações, com precisão variada e desconhecida. Versões originais – se é que existiram – não sobreviveram.³³

No ano 325 da era cristã, Constantino – o imperador do Sacro Império Romano, recém-convertido ao cristianismo – convocou um concílio em Niceia a fim de estabelecer um acordo acerca do cânone: quais evangelhos deveriam ser ordenados como “ortodoxos” ou “corretos” e quais seriam os “errados”. Havia muito mais do que os quatro contidos no Novo Testamento atual. A decisão acabou dando preferência a uma narrativa específica. Os evangelhos considerados “corretos” confirmavam uma tradição apostólica masculina e o papel central de uma igreja. O concílio considerou heréticos (cuja etimologia remete, de forma reveladora, a “escolher”) os evangelhos que se contrapunham à sua missão e ordenou que fossem destruídos (inclusive o Evangelho de Maria Madalena, que conta os ensinamentos de Cristo depois da ressurreição). Enquanto historiadores atuais reafirmam que as mulheres foram fundamentais no início do cristianismo – como líderes, professoras e adeptas da fé –, a Igreja antiga não apenas minimizou e apagou esse legado, mas também marcou as mulheres como progenitoras do pecado e exemplos de depravação moral.³⁴ Mais tarde naquele século, o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, em sua tradição apostólica exclusivamente masculina levada adiante pelo “primeiro apóstolo”, Pedro.³⁵

Se o Velho Testamento quase varreu do mapa os cultos à fertilidade, o cristianismo organizado e o Novo Testamento – com o apoio do vasto poder

político de Roma – conseguiram extinguir o culto à deusa quase por completo.³⁶ O imperador bizantino Justiniano I eliminou formalmente o culto a Ísis no ano 536 e a Inquisição tratou de outras seitas heréticas, muitas das quais feministas.³⁷

A ironia, claro, é que, se alguém recorrer aos ensinamentos de Jesus, verá que uma tradição apostólica completamente masculina – ou mesmo uma religião organizada – nunca foi sua intenção. E Jesus não escreveu nada.³⁸ A Bíblia é o produto de séculos de uma brincadeira de telefone sem fio, editada por homens de acordo com suas preferências. Isso pode soar tolo e óbvio; no entanto, quando me dei conta disso, senti como se uma ficha enorme tivesse caído. O que se perdeu nesse processo? O que entendemos errado?

A descoberta recente de vários evangelhos há muito perdidos nos dá uma ideia do que não passou pelo crivo do Concílio de Niceia. Muitos escritos antigos, códices “heréticos”, foram enterrados no deserto por monges dedicados e não foram recuperados ou traduzidos até os tempos modernos – em muitos casos, temos apenas fragmentos do que foi exumado. Mais de cinquenta textos desse tipo foram recuperados no Egito em 1945 (embora não tenham sido traduzidos e publicados até 1983). Junto com o Evangelho de Maria, descoberto em 1896 e traduzido pela primeira vez do copta em 1955, esses textos sagrados são agora conhecidos como Evangelhos Gnósticos (do grego *gnosis*, “conhecimento”). Ainda que cada fragmento seja diferente, o tema consistente do gnosticismo é que a experiência do divino é pessoal e direta, apenas entre a pessoa e Deus. Não há nenhum padre, nenhuma igreja física.

Quando se trata das mulheres no patriarcado, Maria Madalena se mostra essencial – com seu papel no Novo Testamento, seu evangelho “herético” e sua reputação cultural.³⁹ Para muitos estudiosos da religião, a redescoberta dos Evangelhos Gnósticos foi um momento eureka, uma explicação para a ausência de uma voz feminina na Bíblia – o legado textual que nos fora ensinado era uma visão ou um entendimento genérico de Deus. Os primórdios da Igreja tinham a ideia fixa de uma linhagem exclusivamente patrilinear: Jesus desceu à Terra a partir de Deus no céu, reuniu uma equipe de discípulos, todos homens, e, após a ascensão, consagrou-os como seus pastores; fim da história. Que a Igreja tenha considerado os Evangelhos Gnósticos (e seus seguidores) heréticos e então perseguido a todos diz muito sobre seu

desejo de se considerar a única autoridade, a mediadora da vontade de Deus e a garantidora do comportamento necessário para a salvação.

Os Evangelhos Gnósticos suscitam a pergunta: como seria um mundo no qual reconheçêssemos uma conexão direta com o divino, sem a necessidade de intérpretes ou intermediários? Caso o cristianismo tivesse sobrevivido como religião de experiência direta, sem a necessidade de uma igreja ou padres, recorrendo apenas ao conhecimento interior e profundo, nossa cultura seria bem diferente.

AS RAÍZES DOS SETE PECADOS CAPITAIS

Algumas décadas após o Concílio de Niceia, um monge chamado Evágrio Pôntico (345-399), nascido na região da atual Turquia e falante de grego, exilou-se num monastério situado no deserto egípcio a fim de combater demônios em sua mente (ele tinha se apaixonado por uma mulher casada). Em grego, a palavra *dímon* significa uma energia vital que não obedece a regras – aquela parte de nós impossível de controlar –,⁴⁰ de modo que Evágrio não estava imaginando seres demoníacos literais, cercados pelo fogo, mas enfrentando uma batalha contra a própria inclinação natural para emoções, paixões capazes de distraí-lo de suas preces. Em reação a esses instintos humanos, Evágrio criou um manual chamado *Antirrhêtikos* (Réplicas), que circulou entre outros monges: é uma coleção de fragmentos de escrituras a serem usados como exortações contra esses demônios interiores, uma espécie de livro de feitiços, de modo que os pensamentos passionais (*logismoi*) que eles plantam não se convertam em ações pecaminosas. *Antirrhêtikos* está dividido em oito “livros” que identificam os demônios e a eles se dirigem, nesta ordem: (1) Gula, (2) Fornicação, (3) Amor ao Dinheiro, (4) Tristeza, (5) Ira, (6) Apatia, (7) Van glória e (8) Orgulho.⁴¹ Outros padres do deserto traduziram e disseminaram os ensinamentos de Evágrio.*

* Numa reviravolta irônica, os seguidores de Evágrio foram perseguidos como hereges apenas meses depois de sua morte, mas seu trabalho encontrou ampla audiência mesmo assim.

Dois séculos mais tarde, o papa Gregório I (540-604), numa obra de seis volumes denominada *Moralia in Job* (Tratado moral sobre o livro de Jó), cristalizou a lista de Evágrio como Vícios Capitais. De acordo com Gregório, o orgulho é o vício cardeal ou o vício maior, uma vez que ele define o momento em que o homem se afasta de Deus, e a partir do orgulho se seguem os demais: vanglória, inveja, ira, melancolia, avareza, gula e luxúria.⁴² Ainda que a lista se transforme mais uma vez (vanglória e orgulho se fundem, e a preguiça substitui a tristeza, embora, conforme veremos, eu tenha muito a dizer sobre a excomunhão da tristeza), a versão do papa Gregório se tornou a lista dos Sete Pecados Capitais que conhecemos hoje.

Quando o papa Gregório pregou sobre os Sete Pecados Capitais pela primeira vez, ele atribuiu esses vícios a Maria Madalena e se referiu a ela como prostituta, fundindo Maria Madalena à “mulher pecadora”, a suposta prostituta que aparece em Lucas, capítulo 7, e que ungiu os pés de Jesus com óleo.⁴³ Nessa junção, o papa Gregório transformou Maria Madalena na encarnação dos Sete Pecados Capitais. Conforme prega na fatídica Homilia 33: “Ela a quem Lucas chama de mulher pecadora, a quem João chama de Maria, acreditamos tratar-se da Maria da qual sete demônios foram expulsos, de acordo com Marcos. E o que esses sete demônios significam, senão todos os vícios?”⁴⁴ Ao condenar Maria, Gregório condenou todas as mulheres.

Por que, talvez alguém pergunte, as autoridades religiosas da época insistiriam que Maria, a melhor aprendiz e possível amante de Jesus, seria a encarnação de todo o pecado? A pastora episcopal Cynthia Bourgeault explica: “Estudiosos feministas tendem a ver uma trama deliberada aqui: na hierarquia emergente da Igreja fundada numa suposta sucessão exclusivamente masculina e celibatária, a partir dos apóstolos originais, o apostolado de Maria Madalena era sem dúvida uma anomalia e uma ameaça.”⁴⁵ Caso ela tivesse sido legitimamente reconhecida como uma presença primordial e essencial, a Igreja seria muito diferente. Mais importante do que a intenção, contudo, é o legado cultural que sua depreciação criou. (Madalena carregou a reputação de prostituta até 1996, quando a Igreja Católica reconheceu que o papa Gregório tinha cometido um erro; em 2016, o papa Francisco transformou Maria na “Apóstola dos Apóstolos”. Mas o estrago já estava feito.) Maria ainda é vista como desonrada e vulgar,⁴⁶ um lembrete a todas

as mulheres de que nunca seremos dignas, nunca completamente redimidas – em parte porque nunca seremos homens. É quase impossível avaliar quão insidiosas essas ideias são, como elas semearam nossa consciência coletiva com a noção da inferioridade “natural” das mulheres e da primazia – espiritual e moral – dos homens.

A BUSCA DA REDENÇÃO

Podemos estar condenadas à depravação perpétua, mas somos encorajadas a buscar a redenção. Na tradição cristã original, as pessoas confessavam e se arrepiavam de seus pecados diretamente com Deus e o faziam pública e comunitariamente, porque os pecados eram vistos como uma afronta aos nossos semelhantes. Entretanto, nos séculos que se seguiram ao acúmulo de poder pela Igreja Católica Romana, a confissão – o caminho para a absolvição – tornou-se um assunto privado entre o penitente e o padre. Essa mudança imbuíu o clero de ainda mais autoridade para sancionar a moral (e se apoderar dos segredos mais sombrios dos paroquianos), uma vez que os penitentes não apelavam mais diretamente a Deus, mas permitiam uma mediação ou intervenção no relacionamento com o divino. Em 1215, mais de mil bispos e abades decidiram estabelecer um prazo para a confissão: estipularam que todos os pecados mortais ou graves (aqueles que afastavam o pecador da graça de Deus) deveriam ser confessados dentro de um ano. Esses bispos e abades dedicaram-se então à tarefa de informar ao público quais transgressões necessitavam desse tipo de absolvição.⁴⁷

Os Sete Pecados Capitais foram uma ferramenta útil para ilustrar ao público quais eram essas transgressões. Poucas pessoas sabiam ler, manuscritos eram preciosos e raros,* e os Sete Pecados Capitais eram assustadores, claros e de fácil ilustração. A propósito, o Segundo Mandamento do Velho Testamento proíbe qualquer iconografia, e por isso o papa Gregório o anulou, o que fez surgir uma onda de arte religiosa,⁴⁸ destacando frequen-

* A Bíblia de Gutenberg – o primeiro livro impresso numa prensa com tipos móveis – só surgiu no ano de 1454. Mesmo então, pouco menos de duzentas preciosas cópias foram feitas.

temente os Sete Pecados Capitais. Eles se sedimentaram nos ensinamentos da Igreja, inclusive na *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino, datada do século XV, um texto de mais de 3 mil páginas que ocupa posição importante na formação dos padres. Os Sete Pecados estão entranhados no catecismo católico usado até os dias de hoje. Ainda que não façam parte das escrituras ou que não tenham sido proferidos por Jesus, eles resistem, abrigados em confessionários ao redor do mundo. É assim que a história é feita e então refeita; é assim que ela semeia ideias sobre o que é natural, o que é correto e como as coisas sempre foram – em essência, porque alguns homens assim quiseram.

Os pecados logo emergiram na literatura da época. Eles são um tema central no *Inferno* de Dante Alighieri (c. 1300) e foram ainda mais popularizados no “Conto do Pároco”, dentro dos *Contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer (c. 1387-1400). Faz sentido o fato de os pecados terem capturado a imaginação pública e se revelado uma ferramenta pedagógica útil para a Igreja. Eles se tornaram o chicote com o qual coagir o comportamento, fornecendo a uma população sem educação formal uma barganha muito simples: aquele que cometesse um dos sete pecados estaria condenado e destinado ao inferno até que se confessasse, se arrependesse e pagasse por uma indulgência,* método pelo qual se garantia um lugar no céu. Essa foi uma época muito sombria e assustadora da história, um tempo no qual a morte e a ameaça do inferno se faziam particularmente presentes. Era a época da Inquisição, que teve início em 1184; depois, da peste bubônica, a partir de 1347, que dizimou a população; e, por fim, da caça às bruxas, que começou em 1450. (Tanto a Inquisição quanto a caça às bruxas se perpetuaram ao longo de séculos pela Europa e pela América; em algumas partes do mundo, como na África e no Oriente Médio, a caça às bruxas persiste até hoje.) Aqueles que se identificavam com a Igreja ficavam desesperados por um atalho que lhes garantisse a redenção ou ao menos um caminho para escapar da censura. Arrepende-se dos pecados era uma saída fácil.

* As indulgências, ou os pagamentos à Igreja a fim de abrandar a pena por um pecado, foram formalmente proscritas pelo Concílio de Trento em 1563, embora nunca extintas. Esse tipo de corrupção mercenária se tornou um dos principais alvos de Martinho Lutero durante a Reforma.

CAÇA ÀS BRUXAS

No início, a Inquisição se concentrou nos hereges, naqueles que se recusavam a aderir ao cânone bíblico estabelecido e se mantinham vinculados aos Evangelhos Gnósticos ou a outras religiões. A Igreja Católica perseguia qualquer pessoa que questionasse sua autoridade ou que criticasse sua corrupção, silenciando dissidentes e o livre fluxo de ideias. As punições eram horrendas: morte em público ou expulsão. (A Igreja também confiscava a propriedade de um herege e assim deixava desprovidos seus antagonistas enquanto acumulava mais dinheiro e poder para si.) A Inquisição também foi marcante por ter criado e sedimentado um precedente para o holocausto: isto é, a perseguição e destruição de grupos inteiros de cidadãos, um golpe contra o próprio povo.⁴⁹

Ainda que as mulheres não fossem o foco inicial da Inquisição (e sim grupos mais poderosos de homens religiosos), elas se tornaram o alvo quando a peste bubônica assolou o mundo, aumentando o medo da condenação. Presumia-se que a praga, que matou entre 25 e 50 milhões de pessoas, fosse um castigo ou uma punição de Deus pelos pecados da humanidade. Essa interpretação motivou crenças a se comportarem de um jeito que supostamente lhes garantiria a salvação e o acesso ao Paraíso.⁵⁰ Aqueles que eram considerados “os outros” foram culpados pelo surto e também por outros males sociais, como a superpopulação, a inflação e a escassez de comida que estavam em escalada na Europa em meados do século XVI: a classe dominante estava em busca não apenas de bodes expiatórios, mas de valiosos alvos moralmente suspeitos.⁵¹

Quando o governo não tinha mais a quem culpar, as mulheres se tornaram o foco principal de frustração e medo. Embora os julgamentos por bruxaria fossem em teoria laicos, eles seguiam uma fórmula estabelecida pela Inquisição, a qual incluía confissão forçada e delação de conspiradores por meio de tortura, além de terríveis punições em público, como a fogueira.⁵² A caça às bruxas perseguia mulheres (e alguns homens)⁵³ de todas as idades, além de crianças, mas as primeiras da lista eram as “megeras”, sábias anciãs, normalmente viúvas que se recusavam a se casar outra vez ou que não tinham a opção de fazê-lo.⁵⁴ Durante muito tempo essas mulheres mais velhas tinham sido guardiãs de tradições poderosas – eram as curandeiras, profetisas e parteiras.⁵⁵ Elas iniciavam as mais jovens nos ritos da condição feminina, davam mentoria às mães e transmitiam histórias e saberes intergeracionais. Mas, a

partir de meados do século XV (sendo o pico mais dramático entre 1560 e 1760), essas mulheres, velhas demais para serem vistas como objetos sexuais e detentoras de conhecimentos e habilidades que a Igreja considerava uma ameaça, foram perseguidas como bruxas.* A rejeição é visível nos dias de hoje: nossa cultura tem pouca tolerância ou interesse por mulheres que já passaram da idade fértil, e é evidente que não as reverenciamos. Se, por um lado, santificamos homens idosos e os alçamos ao status de autoridades máximas – padres, legisladores, juízes –, por outro exilamos suas equivalentes femininas.

Em 1487, um monge dominicano chamado Heinrich Kramer escreveu um tratado sobre caça, identificação e tortura de bruxas chamado *Malleus Maleficarum*, ou *Martelo das feiticeiras*, posteriormente sancionado pelo papa Inocêncio VIII.** O principal crime dessas bruxas era a luxúria (vide Maria Madalena), embora entre os séculos XV e XVII os caçadores de bruxas perseguissem as mulheres por “crimes” completamente banais, como conversar com as vizinhas e compartilhar remédios para enfermidades rotineiras.

O resultado foi uma campanha de terror que isolou as mulheres a partir do medo. Elas sempre haviam compartilhado informações, apoio, amizade – levavam a vida juntas *de fato**** Essas amizades femininas eram alvos

* É a mulher encarquilhada agarrada a um caldeirão e uma vassoura que celebramos em nossas fantasias de Halloween: os dois artefatos simbolizam a dona de casa. Para Joseph Campbell, a presença de um gato preto é um aceno à deusa, tipicamente retratada nas artes na companhia de um felino, como um leão, uma pantera, um tigre ou um leopardo.

** Ainda que alguns historiadores afirmem que o *Malleus Maleficarum* nunca tenha se tornado um documento oficial sancionado pela corte, suas ideias se propagaram por todos os lados. Cinquenta anos depois, em 1532, o imperador Carlos V aprovou o código “Carolina”, que permitia a tortura judicial e tornava crimes como bruxaria passíveis de pena de morte.⁵⁶

*** A professora Silvia Federici nos lembra que o significado original da palavra *gossip* (conversa fiada ou fofoca, em inglês) era *god-parent* (madrinha, a amiga mais próxima da mãe de um bebê). Era um termo positivo que sugeria uma conexão íntima, de caráter emocional. No entanto, entre os séculos XV e XVII, *gossip* assumiu um caráter negativo, motivo suficiente para justificar um assassinato. Ela escreve: “Em 1547, ‘um anúncio foi feito proibindo as mulheres de se reunirem para bater papo e conversar’ e ordenando aos maridos que ‘deixassem as esposas em casa.’” No livro *A heroína de 1001 faces*, a professora Maria Tatar elabora: “Qual o maior pecado da conversa fiada? Uma possibilidade é que a conversa aproxime as mulheres para criarem redes de interações sociais fora do controle e da vigilância patriarcais. Ela pode ser vista como um contradiscurso que opera na contramão de normas comuns prevalentes, uma estratégia para colecionar relatos na forma de histórias tocantes que possam ser examinadas, analisadas e transformadas em fontes úteis de sabedoria e conhecimento.”⁵⁷

específicos da caça às bruxas; durante os julgamentos, as acusadas eram forçadas sob tortura a denunciar umas às outras.⁵⁸ Não se sabe quantas mulheres foram processadas, torturadas e assassinadas sob essa bandeira, um “generocídio” que se perpetuou por séculos. Com base em dados de julgamentos, os historiadores atuais acreditam que o número real de execuções na Europa gire em torno de 80 a 100 mil, mas a propaganda e a máquina de campanha implantaram o medo no sistema nervoso das mulheres em todo o mundo.⁵⁹ A título de contexto, 25 mulheres foram assassinadas nos julgamentos das bruxas de Salém, em Massachusetts, um evento tão terrível que continua a rondar nossa imaginação até hoje.

O LEGADO DO MEDO

Sob tortura extrema, as mulheres traíam umas às outras: amigas se voltavam contra amigas; filhas, contra a mãe. Aprendemos que manter contato poderia ser perigoso, então ficávamos quietas no nosso canto. Eu me pergunto se não é por isso que as mulheres de hoje em dia desconfiam umas das outras e, não raro, criticam-se mutuamente. Esse trauma está em nosso DNA. Suspeito que o medo seja um dos motivos de nossa autorrepressão. Continuamos a resistir à mudança, a afirmar nossa insignificância e a esperar que alguém nos chame a atenção, nos critique e nos coloque de volta “em nosso lugar”.

Ainda que hoje sejamos perseguidas e policiadas de maneira menos explícita, não nos enganemos: as regras implícitas acerca do comportamento feminino estão entranhadas no tecido da sociedade. Os direitos e a própria soberania das mulheres continuam na mira: a desigualdade jurídica é certamente abissal, mas os ataques mais insidiosos são as questões que rondam e tocam nossa moralidade. O que exatamente constitui uma boa mulher? O paradigma patriarcal de feminilidade persiste: a mulher precisa ser altruísta, fisicamente perfeita, carinhosa, obediente, submissa, modesta, responsável, discreta. Espera-se que “saibam o seu lugar”: fora dos círculos do poder, ainda que os apoiando. Isso está tão incutido em nosso comportamento que chegamos a colaborar sem querer: nós repreendemos, culpamos e “cancelamos” as mulheres que se desviam desse caminho e fazemos a mesma coisa contra nós mesmas.

Este livro não põe a culpa nas vítimas. Ele quer entender o que gerou a cultura atual e como ela nos mantém sob sua influência. Assim poderemos perceber quão artificiais são suas restrições.

É difícil acreditar que estaríamos dispostas a reforçar um sistema que nos oprime. No entanto, boa parte disso está além da nossa percepção consciente. A professora Gerda Lerner, que criou o primeiro programa de pós-graduação sobre história das mulheres nos Estados Unidos, argumenta que participamos da nossa subordinação porque somos psicologicamente moldadas para naturalizar nossa inferioridade. Essa percepção de inferioridade se torna uma sombra difícil de ser eliminada. A necessidade de provar nossa bondade para obter proteção e sucesso foi programada no modo como nos comportamos, e é difícil reconhecer isso porque estamos dentro da própria estrutura. Segundo Lerner: “O sistema do patriarcado só consegue funcionar com a cooperação das mulheres. Essa cooperação é garantida por diversos meios: doutrinação de gênero, privação educacional, negação ao conhecimento da própria história, cisão entre mulheres a partir de conceitos como ‘respeitabilidade’ e ‘desvio sexual’, restrição e franca coerção, discriminação no acesso a recursos econômicos e ao poder político, e garantia de privilégios de classe às conformistas.”⁶⁰

Toda essa doutrinação, que assimilamos de modo inconsciente, deve ser desconstruída. Devemos entender de onde ela vem para que possamos reconhecer que se trata do patriarcado em ação. Devemos nos desvencilhar de suas restrições. Só então poderemos encontrar nosso caminho de volta a algo que se pareça com nossa natureza “inicial”, com quem de fato somos. Só então poderemos rejeitar esse paradigma de “bondade” que nos foi imposto por uma sociedade que nos queria obedientes, subservidas, prestativas e dedicadas. E só então seremos capazes de parar de policiar umas às outras por comportamentos que fomos condicionadas a condenar – uma espécie de misoginia definida pela filósofa e professora Kate Manne. Como ela escreve em *Entitled* (Autorizados), “a misoginia não deve ser entendida como um ódio psicológico arraigado e imutável contra meninas e mulheres. Em vez disso, está mais para o braço ‘policial’ do patriarcado – um sistema que atua para policiar e garantir normas e expectativas de gênero e que coloca meninas e mulheres diante de um tratamento desproporcional e nitidamente hostil por causa de seu gêne-

ro, entre outros fatores”.⁶¹ Os homens com certeza adotam esse tipo de comportamento, mas nós fazemos isso contra nós mesmas. Devemos nos livrar disso e seguir o que nos sugere o gnosticismo: retornar à nossa natureza inicial e acessar nosso conhecimento. Devemos lembrar que esse conhecimento, esse instinto, está disponível o tempo todo e que rejeitá-lo nos mantém distantes de nossos desejos mais profundos e verdadeiros, desejos que são puros e merecem ser explorados.

O RETORNO DO FEMININO

Para desmontar o paradigma patriarcal da bondade, devemos identificar dentro de nós a maneira como policiamos nosso comportamento e como fomos doutrinadas pelos Sete Pecados Capitais. Ainda que cada pecado tenha suas peculiaridades, os apetites do corpo definem vários deles. Historicamente, parece haver dois grupos de pensadores sobre o assunto: os que acreditam que o corpo *em si* é sagrado e os que acreditam que a carne deve ser subjugada e superada. Thomas Hobbes (1588-1679), Charles Darwin (1809-1882) e Sigmund Freud (1856-1939) consideravam o corpo moralmente repulsivo. Eles argumentavam que somos animais em lento processo de evolução e civilização ao longo do tempo, imersos na árdua e contínua tarefa de transcender os desejos básicos e carnis que habitam nossa mente. A carne é inferior; o intelecto é a única parte que conta. E, para alguns desses pensadores, talvez um dia possamos transcender a depravação da experiência humana e acessar os reinos espirituais de um lugar chamado Paraíso, mas apenas se nossa impureza for superada e isolada pela mente superior, por nossa natureza “melhor”.

Do outro lado, há os que acreditam que somos seres espirituais vivendo uma experiência física; que o divino está em tudo, inclusive em nossos traços desobedientes; e que a densidade do corpo e seus prazeres é o que nos impede de sair flutuando de volta ao campo de força energético do qual viemos e para o qual retornaremos. Afirmam que não há lugar algum aonde “ir” depois da morte e que não há nada a ser superado; estar no corpo, com seus prazeres mundanos, neste mundo tridimensional, é o principal evento. Estar num relacionamento físico é algo bonito. Esse grupo argumenta que

não somos animais depravados, mas que criamos um inferno em nossa mente ao reprimir nossos desejos naturais.

Os adeptos do primeiro grupo, que acham que o corpo deve ser controlado, subjugado e dominado, atribuem muito da baixeza da carne às qualidades “femininas”. Afinal de contas, a matéria física (ou *mater*, isto é, mãe) representa o potencial da vida, a magia e às vezes o caos da criatividade. Em vez de reconhecer que o que corre em nosso corpo é sagrado, santo e até divino, essas pessoas lutam contra si mesmas, procurando do lado de fora aceitação e aprovação. Desejam dominar a natureza, controlá-la, higienizá-la e separar a experiência humana de todas as outras criaturas vivas. Essa ideologia se manifesta do macro ao micro e segue viva ainda hoje: o homem exerce domínio sobre a natureza e sobre a mulher, e cada um de nós – homens ou mulheres – nutre dentro de si o desejo de sujeitar o corpo e suas “sensações” à primazia da mente. Esse é o pensamento patriarcal, e ele não afeta apenas as mulheres. Os homens também são vitimados por essa necessidade de reprimir e suprimir as emoções e o caos criativo.

A boa notícia para todos nós é que o feminino, a deusa em todas as suas formas, não aprecia a repressão. Ela invariavelmente se insurge. Estamos sentindo isso agora. O patriarcado nos ensinou a valorizar o masculino e a enxergá-lo como força redentora, como algo divino. Essas qualidades têm sido hiperdesenvolvidas de um modo terrível em nossa cultura, com consequências devastadoras para todos nós. É crucial que retomemos nossa energia preciosa para trazer à tona o princípio feminino, o Sagrado Feminino, com toda a força necessária ao reequilíbrio dos males da sociedade.

O Sagrado Masculino e o Sagrado Feminino podem parecer balela, e é fácil fundir essas ideias à condição de ser homem ou mulher, uma vez que fomos condicionados socialmente por muito tempo a aceitar a energia associada ao sexo que nos foi atribuído, mas esses conceitos não têm nada a ver com gênero e tudo a ver com consciência. Conhecemos a aparência e os efeitos da masculinidade tóxica: o domínio e a agressividade que definem nossa cultura atual. Contudo, uma vez equilibrado, ou “Divino”, o masculino é a energia do direcionamento, da ordem e da verdade, o receptáculo que dá à criação (uma qualidade feminina) sua *estrutura*. Feminilidade equilibrada, ou “Divina”, é criatividade, apoio e cuidado, a energia vital. Ela também representa a capacidade de controlar muitas coisas ao mesmo tem-

po sem se precipitar. A feminilidade tóxica é caos e sobrecarga, perturbação emocional e desespero.

Reconhecemos cada uma dessas energias dentro de nós. Todos temos a capacidade e a necessidade de expressar as duas. Quase toda mulher que conheço já se expande em ambas as direções; os homens vêm atrás, embora estejam aceitando cada vez mais expor publicamente seu lado feminino para cuidar, nutrir e criar. Numa versão equilibrada do mundo, as energias masculina e feminina estariam presentes em partes iguais dentro de cada um de nós – e, portanto, estariam presentes em partes iguais no mundo. Quando tendemos a qualquer um dos extremos, nos desviamos do curso e ficamos estagnados, dependentes e assustados. Precisamos agora da energia renascida do feminino para equilibrar a masculinidade tóxica da nossa cultura: uma energia dedicada a cultivar e a cuidar do que já existe, não a extrair mais e mais.

É nossa incumbência, de todos nós, libertar o feminino de suas restrições e venerar aqueles impulsos e partes sagradas dentro de nós mais uma vez. Só então poderemos ocupar nosso lugar de direito como *parte* da natureza, em vez de manter a ilusão de que ela está fora de nós e sujeita ao nosso domínio.* Quando entrarmos em equilíbrio, quando renunciarmos ao instinto de conter e controlar, poderemos relaxar e saborear a experiência, redescobrir a liberdade e a alegria.

Aqueles que adotam a crença de que a estrutura patriarcal é o melhor e mais seguro caminho já se beneficiaram dele durante milênios, e eu entendo. A vida é aterrorizante, cheia de incertezas. Por que não haveríamos de querer estabelecer uma linguagem científica e um modelo para explicar cada milagre e forçar o corpo e a natureza a aderirem ao modo como acreditamos que eles deveriam ser? É claro que queremos identificar as leis que governam o universo e nosso lugar dentro dele. Isso parece muito mais poderoso do que nos submetermos à ideia de que não passamos de pedacinhos do mundo natural e de que há mistérios em ação que não conseguimos entender, muito menos controlar. No entanto, entrar em equilíbrio requer

* Essa ilusão é ressaltada pela definição de *natureza*, a qual exclui especificamente os humanos: “Os fenômenos do mundo físico de modo coletivo, incluindo plantas, animais, a paisagem e outras características e produtos da Terra, em oposição aos humanos e às criações humanas.” (Definição extraída da enciclopédia on-line *Oxford Reference*.)

reconhecer a melhor posição a se adotar no mundo: não a de dominadores, mas a de administradores e parceiros responsáveis.

O corpo é o mecanismo pelo qual experimentamos a vida. Devemos usá-lo como um meio para entender e transmutar o que nos cerca; para nos colocar em equilíbrio com o mundo. Não nos cabe submeter o corpo à nossa mente, assim como não nos cabe subverter e dominar a natureza. Corpo e natureza são metáforas do feminino: devemos permitir que ele venha à tona e seja restabelecido a um lugar de respeito, ou mesmo de reverência.

A autora e filantropa Lynne Twist me falou de uma profecia da fé bahá'í sobre o século XXI, o momento que vivemos agora. Segundo essa crença, a humanidade tem duas grandes asas – uma masculina e outra feminina – e a asa masculina se tornou muito musculosa e desenvolvida, forte e poderosa demais.⁶² Enquanto isso, a asa feminina ainda não se abriu. Twist descreveu o modo como a asa masculina se tornou quase violenta em sua tentativa de manter o pássaro da humanidade no ar. Como uma nave desgovernada, temos voado em círculos por centenas, ou até milhares de anos. De acordo com a profecia, no século XXI a asa feminina em cada um de nós vai finalmente se estender por completo, e a asa masculina vai relaxar e entrar em equilíbrio. *Essa* é uma história – sobre o potencial da humanidade de mostrar igualmente todas as suas partes – que vale a pena guardar e contar aos nossos filhos e filhas. Eu, pelo menos, a considero um ponto de partida mais genuíno para um recomeço.

O patriarcado seguiu seu curso. É hora de retirá-lo de cena e de reconstruir a estrutura da sociedade com princípios organizacionais mais apropriados à era atual. Devemos identificar as práticas e táticas do patriarcado de modo que possamos extirpá-las pela raiz e então investigar as lacunas que elas deixaram em nossa psique e o modo como elas perverteram alguns de nossos instintos mais naturais. Só então poderemos retificar esses equívocos.

Essa transição vai parecer assustadora, talvez caótica. Para alcançar esse equilíbrio, precisaremos soltar as rédeas e admitir que não temos o controle de tudo. Mas devemos fazê-lo, ou o patriarcado persistirá como se fosse um fantasma ou um bicho-papão. Pois o negócio dele é assombrar. E suas reverberações em nossa vida atual são duradouras e insidiosas. Aliás, é disso que tratam os próximos capítulos.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

